



PEDRO GABRIEL LOPES TORRES SANTOS

A ALMA MODERNA: SOCIEDADE DE CONSUMO E INDIVIDUAÇÃO

ILHÉUS /BA

2024

PEDRO GABRIEL LOPES TORRES SANTOS

A ALMA MODERNA: SOCIEDADE DE CONSUMO E INDIVIDUAÇÃO

Trabalho apresentado à disciplina TCC II do Curso de Psicologia da Faculdade de Ilhéus, como requisito de aprovação.

Orientador: Prof. Me. Lahiri Lourenço Argollo

ILHÉUS /BA

2024

A ALMA MODERNA: SOCIEDADE DE CONSUMO E INDIVIDUAÇÃO

PEDRO GABRIEL LOPES TORRES SANTOS

APROVADO EM: 11 / 06 / 2024

BANCA EXAMINADORA:

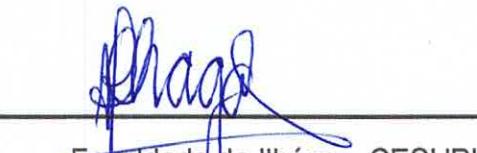


Faculdade de Ilhéus – CESUPI
(Prof. Me. Lahiri Lourenço Argollo)

Maria da Conceição Almeida Vita

Faculdade de Ilhéus – CESUPI

(Prof^ª. Me. Esp. Maria da Conceição Almeida Vita)



Faculdade de Ilhéus – CESUPI

(Prof^ª. Dra. Luciana Ferreira Chagas)

A ALMA MODERNA: SOCIEDADE DO CONSUMO E INDIVIDUAÇÃO

Pedro Gabriel Lopes Torres Santos

Lahiri Lourenço Argollo

RESUMO

Este trabalho explora a interação entre a individuação e a cultura do consumo considerando uma sociedade onde o consumo em massa é predominante, tornando a distinção entre o individual e o coletivo desafiadora. O objetivo principal é determinar as influências da cultura de consumo sobre o processo de individuação utilizando a ótica da psicologia analítica fundamentada por Carl G. Jung, adotou-se um delineamento bibliográfico com abordagem qualitativa e de natureza descritiva. Assim, realizou-se uma pesquisa de levantamento sobre artigos que contemplem o assunto na base de dados da Psycic. A pesquisa busca preencher a lacuna existente pela falta de artigos que abordem o tema, buscando discutir como o processo de individuação, pela ótica da Psicologia Analítica, é afetado pela cultura do consumo. Sendo assim, espera-se que este trabalho possa aprimorar a compreensão sobre a interação entre as dinâmicas da sociedade de consumo e seu impacto no processo de individuação.

Palavras chave: Psique. Analítica. Capitalismo. Desenraizamento. Arquétipo.

THE MODERN SOUL: CONSUMER SOCIETY AND INDIVIDUATION

Pedro Gabriel Lopes Torres Santos

Lahiri Lourenço Argollo

ABSTRACT

This paper explores the interaction between individuation and consumer culture in a society where mass consumption is prevalent, making the distinction between the individual and the collective challenging. The main objective is to determine the influences of consumer culture on the individuation process using the perspective of analytical psychology based on Carl G. Jung, adopting a bibliographic design with a qualitative approach and descriptive in nature. A survey was carried out of articles on the subject in the Pepsic database. The research aims to fill the existing gap due to the lack of articles on the subject, seeking to discuss how the process of individuation, from the perspective of Analytical Psychology, is affected by consumer culture. As such, it is hoped that this work will improve understanding of the interaction between the dynamics of consumer society and its impact on the individuation process.

Key words: Psyche. Analytical. Capitalism. Uprootedness. Archetype.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha mãe, Necy Lopes, que esteve presente em toda a minha caminhada assumindo mais de um papel em minha formação. Ela que foi pai e mãe, quem eu sempre pude contar e nunca me deixou na mão quando precisei.

À minha tia Jaci, que não precisei convencer nem por um segundo, acreditou em mim desde o primeiro momento e foi fundamental para que eu pudesse ingressar na faculdade.

À minha segunda mãe, Isis Lopes, que me cedeu seu lar e sua companhia quando minha mãe precisava trabalhar, minhas tardes sempre foram muito mais divertidas com você e seu marido João Paulo, que é como um pai para mim e sempre teve a compaixão de me ensinar e me compreender, sem nunca precisar levantar a voz.

A meu orientador, Lahiri Argollo, que foi peça chave para que eu pudesse entender onde eu queria chegar com esse tema e por estar sempre disponível para ajudar.

À meus tios, Amenemá e Paula, que me deram a oportunidade de morar com eles durante meu período na faculdade e quem serei eternamente grato, pois foi aqui nessa cidade que descobri o amor que tenho pela Psicologia.

Por fim, a minha tia Iracema e minha professora, babá, prima e amiga, Isabela Lopes, com suas risadas e bolinhos de chuva. Para todos aqueles que fizeram parte dessa caminhada, meu mais sincero, obrigado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 REVISÃO DE LITERATURA.....	9
1.1 A cultura da sociedade de consumo	9
1.2 O conceito analítico do processo de individuação	12
2 O CONSUMO E O DESENRAIZAMENTO.....	15
3 A UNIÃO DOS OPOSTOS.....	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
5 REFERÊNCIAS	21

INTRODUÇÃO

Em uma sociedade que promove estilos de vida apenas como uma estratégia para focalizar o consumo em massa, separar o individual e o coletivo se torna cada vez mais difícil. É um mundo dinâmico, rápido e informatizado, onde as opções aparecem através das mais diversas telas, diversas vezes por minuto, acervos e mais acervos com milhares de filmes, séries, músicas, livros e outros conteúdos de entretenimento ao toque de um dedo.

Para Jung (2014b, p. 225), o desenvolvimento da personalidade requer “coragem de viver, pela afirmação absoluta do ser individual, e pela adaptação, a mais perfeita possível.” É preciso tornar realidade aquilo que um dia foi potencial, equilibrando o individual e o coletivo. Todavia, na sociedade de massificação do consumo, a liberdade inerente ao ser se torna paradoxalmente uma prisão. Frente a uma gama de opções tão vasta é mais fácil seguir estilos de vida moldados pela cultura do consumo como forma de pertencer e se adaptar a cultura vigente, perdendo-se o contato com a própria identidade, desenraizando-se.

Esta situação provoca o seguinte questionamento: “como o processo de individuação é afetado pela cultura do consumo?”. De acordo com Barcellos (2008), o consumo está diretamente ligado ao arquétipo da criança divina, uma eterna infância que se traduz pelo prazer e a submissão aos desejos. Mas somente através do esforço e do sofrimento necessário para adultecer e suportar o fardo que é ser dono da própria história e da própria liberdade, que será possível criar raízes e caminhar em direção a individuação.

Para delimitar o estado da arte do tema proposto, utilizou-se um delineamento bibliográfico descritivo e qualitativo, conduzindo uma pesquisa na base de dados da Scielo com artigos em português, de livre acesso e publicados nos últimos dez anos. Os critérios de exclusão incluíram estudos mais antigos que dez anos, textos em língua estrangeira, e artigos que destacavam apenas um dos temas abordados. A seleção foi baseada na relevância dos resumos para contribuir com o estudo.

Observou-se que existe uma escassez de artigos que abordassem integralmente ou mesmo de forma parcial o tema.

Esse artigo se faz relevante pois busca evidenciar os impactos da dinâmica capitalista na individuação e na identidade do indivíduo. Isso pode gerar implicações práticas para a criação de novas estratégias de intervenção para prática clínica e

social, além de favorecer o desenvolvimento pessoal saudável em um ambiente marcado pelas pressões do capitalismo.

1 REVISÃO DE LITERATURA

Uma vez que é proposto discutir a possível relação existente entre o consumo e o processo de individuação, pela ótica da teoria junguiana, é necessário estabelecer as bases conceituais gerais sobre ambos os temas.

1.1 A cultura da sociedade de consumo

Bauman (2011, p. 28) divide a era moderna em duas fases distintas as quais nomeou como sólida-moderna e líquido-moderna. A fase sólida cultuava a rigidez e pouca mobilidade em sua fundamentação e não valorizava a possibilidade de variedade, enquanto o conceito de liberdade e autonomia individual era subordinado a dominação exercida pelo modelo de produção da época, que reduzia os indivíduos a “movimentos simples, rotineiros e predeterminados, destinados a serem obediente e mecanicamente seguidos...”

A sociedade de produtores, principal modelo da fase sólida-moderna, era representada pelo trabalho como principal forma que os indivíduos podiam mostrar seu valor. Onde a produção de bens materiais duráveis capazes de passar de geração em geração, valorizavam a capacidade laboral dos cidadãos que almejavam nada menos que estabilidade e segurança que possam durar a longo prazo. (Bauman, 2008)

Já a sociedade líquido-moderna é descrita por Bauman (2011) como a era da instantaneidade, do efêmero, onde os poderes vigentes operam através dessa condição de fragilidade. É fornecido ao indivíduo agora a sua liberdade, mas de forma coerciva, ele deve utilizar-se dessa nova condição de autonomia pois é transmitido a sensação de que tudo é possível a medida que faz uso da sua própria vontade e astúcia.

Agora sendo chamada de sociedade de consumidores, o desfrute imediato dos prazeres e a necessidade de satisfação crescente e insaciável dos desejos, coloca o consumo como peça chave durante essa fase. A sensação de felicidade é agora

associada com a posse de bens materiais efêmeros, que se estragam ou perdem relevância com frequência e devem sempre ser renovados. (Bauman, 2008)

Bauman (2008), ao discutir consumo na sociedade líquido-moderna, apresenta dois diferentes âmbitos intimamente ligados, sendo eles a “cultura de consumo” e a “sociedade de consumo” (ou consumidores).

Cultura é apresentada como a forma que os membros da sociedade de consumidores iriam pensar, agir e refletir acerca das suas ações, enquanto a sociedade representa uma série de condições existenciais que levam as pessoas a adotarem aquela cultura em detrimento de qualquer outra, defendendo seus ideais vigorosamente.

A estrutura consumista incentiva e valoriza indivíduos que aderem aos seus princípios, evidenciando que a assimilação nesse contexto depende fundamentalmente da aceitação inquestionável de seus fundamentos. Operando de modo a suavizar e reconfigurar qualquer divergência em relação aos interesses da classe dominante, a sociedade consumista transforma essas discrepâncias de maneira vantajosa para si mesma, promovendo sua contínua manutenção e reprodução. (Bauman, 2008).

A burguesia, classe dominante, fomenta uma limitação sobre até onde é possível conhecer a teoria por trás da estrutura social que efetiva a totalidade do capitalismo. Logo, se torna praticamente impossível exercer qualquer crítica “contestando-a, contraditando-a, revelando suas negatividades”, sendo assim, subverte a noção de realidade da população e faz uso de meias-verdades para legitimar as suas noções de dominância e poder. (Pereira, 2017, p. 307)

Segundo Bauman (2008), para que um sistema social seja sólido, é preciso que os indivíduos desejem fazer o que quer que seja necessário para possibilitar o sistema a se auto-reproduzir. Existem múltiplas estratégias para alcançar este resultado. Contudo, como enfatiza o autor, os princípios aos quais os indivíduos são submetidos deixam de ser percebidos como obrigações, transformando-se, ao invés disso, em um processo de autoafirmação. As pessoas julgam suas atitudes como necessárias para alcançar sua própria felicidade, assumindo como liberdade de escolha, sem notar o fator coercivo existente dentro daquela cultura.

O consumo aparece como forma de preenchimento, de inserir nas lacunas da personalidade objetos paliativos para mascarar a falta de conexão com o eu interior e com a própria noção de passado e futuro. Para Barcellos (2008), “tudo é absorvido

pelo modelo consumista”, seja para realizar fantasias, ou pelas constantes necessidades não aprofundadas, o desejo raso por prazer, por informação, por produtos variados, pelo instantâneo. Através do marketing, o consumidor é seduzido a sempre querer, a estar sempre atualizado e conectado.

Esse marketing é o principal agente moldador do coletivo, vendendo um mundo idealizado, fantasioso, que confere de forma generalizada a receita de como viver, como comer, como se vestir e o que pensar. Esse marketing alimenta a necessidade do indivíduo de assumir uma persona que o garanta o espaço no coletivo, mas, em total detrimento de sua individualidade, negando o que é indesejado dentro de si. (Ferrari, 2018).

Não existe idade mínima para que o sujeito exerça o papel do consumidor, desde os primeiros anos de vida, crianças já exercem fundamental atribuição em relação a “dependência das compras”. Não existe distinção por gênero, por classe social ou idade, contanto que se tenha dinheiro suficiente nada pode impedir uma pessoa de adquirir algo. Assim, o marketing é ferramenta principal para sugerir a todo tempo como alcançar ou manter certos padrões sociais através de seus mais diversos produtos, colocando aqueles que recusam essas propostas na posição de “consumidores falhos”, os levando a sentimentos como inferioridade, não conformidade e insuficiência. (Bauman, 2008)

De acordo com dados do UOL¹ (2021), uma cantora e ex-participante de reality show, que rapidamente emergiu como favorita desde as etapas iniciais do programa, exerceu uma influência notável no comportamento de consumo do público. Ao utilizar uma determinada peça de vestuário em um evento ao vivo transmitido para todo Brasil, ela provocou uma reação imediata no mercado. A peça em questão, teve seu estoque completamente esgotado em menos de 24 horas.

Não mais vale a esse indivíduo seguir tendências a esmo, ele precisa carregar um estandarte com o símbolo que o permitirá ser reconhecido aos olhos do outro. Sempre atento ao caráter volátil e efêmero presente na cultura consumista, são medidas necessárias para se esquivar da sensação de incerteza e insegurança perante a constante possibilidade de exclusão e estagnação que só a posse de bens materiais pode evitar. (Bauman, 2008)

¹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/15/efeito-juliette-ex-bbb-esgota-looks-e-congestiona-redes-sociais-das-marcas.htm>

A própria personalidade e identidade visual da pessoa participante dessa sociedade é influenciada pela cultura de consumo. Esse então é acometido pela falsa sensação de livre arbítrio inserida na cultura quando disponibilizam várias opções para que se escolha como quer ser, deixando nas subentendido que aquelas possibilidades foram escolhidas previamente e de forma limitada, cabendo entender que a não escolha poderá levar a exclusão. (Bauman, 2008)

Rauter (2018) afirma que na modernidade o corpo passa a ser o maior dos investimentos, um objeto de prioridade que difere dos tempos antigos. Torna-se um acessório, algo que é possível mudar, retirar, acrescentar, e ao invés de cuidar do corpo para atingir um objetivo, o objetivo passa a ser cuidar do corpo. A incerteza perante a possibilidade de inclusão e a necessidade constante de pertencer, levam o indivíduo a utilizar seu corpo como objeto de sedução do outro, que em constante autocrítica, acaba se transformando em um acessório, outro bem material que será sempre alterado e sofisticado.

O estado atual da sociedade de consumo deixa evidente como as incessantes demandas por aquisição e acumulação podem obscurecer os caminhos para uma verdadeira auto-realização. A maturação da personalidade é o processo que foi denominado por Jung (2016) como individuação.

1.2 O conceito analítico do processo de individuação

É comum considerar que a consciência é a totalidade da psique, que o inconsciente seria apenas um acervo de material psíquico ignorado, recalçado ou esquecido que já não estão prontamente disponíveis para uso, colocando toda a autonomia para a consciência e seu centro organizador, o ego.

Teoria essa, que, acaba sendo descartada por Jung quando percebe situações que não podem ser explicadas como consequência de fenômenos conscientes. Sonhos, por exemplo, são muitas vezes descritos como ilógicos ou caóticos, pois costumam apresentar elementos de forma desordenada, sem controle. O mesmo acontece em fantasias, emoções e pensamentos, até mesmo em casos de psicose. (Jung, 2016)

Quando um paciente tido como louco, apresenta em seu comportamento conteúdos incompreensíveis tanto para o médico, como para o próprio paciente, é sinal de que conteúdos, outrora inconscientes, afastaram o ego da consciência e

assumiram o controle. Mas no caso de pacientes neuróticos, quando algo similar acontece, os conteúdos ainda podem ser maioritariamente compreendidos. (Jung, 2016)

Isso demonstra que esses elementos inconscientes não podem ser advindos de um conteúdo previamente consciente, mas de algo que nunca pertenceu a consciência em primeiro lugar, revelando uma posição autônoma do inconsciente.

O embate pelo controle do eu, entre inconsciente e consciente, não é a única relação entre os dois. Na verdade, a cooperação em busca de um equilíbrio acaba sendo algo vantajoso, pois geralmente os imperativos do inconsciente tendem a vencer e orientar o indivíduo para a meta, para a totalidade, buscando compensar a perda de equilíbrio mesmo que seja através de uma profunda oposição a consciência, sem que haja a necessidade de uma disputa. (Jung, 2016)

Consciência e inconsciente não constituem uma totalidade, quando um é reprimido e prejudicado pelo outro. Se eles têm de combater-se, que se trate pelo menos de um combate honesto, com o mesmo direito de ambos os lados. Ambos são aspectos da vida. A consciência deveria defender sua razão e suas possibilidades de autoproteção, e a vida caótica do inconsciente também deveria ter a possibilidade de seguir o seu caminho, na medida em que o suportarmos. (Jung, 2016, pg. 404).

Este processo pode ser identificado como um dos símbolos fundamentais da individuação, caracterizando-se pela interação dinâmica entre consciência e inconsciente, que catalisa o desenvolvimento pessoal em busca da totalidade. Tal processo envolve a evolução do indivíduo para atingir o pleno potencial inerente ao seu ser. Através da individuação, o indivíduo não se isola ou se torna egocêntrico, nem prioriza o individual em detrimento do coletivo. Ao contrário, ele consegue integrar essas realidades em plena cooperação, promovendo a concretização das qualidades pessoais inatas. (Jung, 2014a)

Existe uma necessidade intrínseca nos seres humanos para adaptar-se ao mundo. Através da cultura que se está inserido que se desenvolve e aprende a se comportar, adquirindo assim a sensação de pertencer. Essa necessidade ocorre, pois, a partir desse sentimento de pertencimento que o indivíduo pode obter uma identidade social e assim repassar esses conceitos adiante, impedindo que todo novo ser precise começar do zero a cada vez que passe pelas etapas do ciclo de desenvolvimento. (Seibt, 2022).

Stein (2020, p. 8) argumenta que as sociedades não escolheram qual cultura iriam seguir. Diversos fatores históricos decisivos se sucederam ao longo de gerações

e a interação entre esses fatores levaram as comunidades a seguirem o caminho correspondente. Tampouco o indivíduo, sendo esse um emaranhado de componentes complexos agrupados no seu interior, poderia ser capaz de deliberadamente escolher sua própria personalidade ou caráter, podendo apenas através da individuação, tomar consciência de si e da própria complexidade, exercendo influência positiva no próprio desenvolvimento.

Considerando, portanto, que o indivíduo possui a possibilidade de seguir um percurso pré-determinado por seus antecessores, enquanto simultaneamente necessita afirmar sua singularidade para reconhecer seus valores próprios, torna-se claro que individualidade e coletividade representam princípios opostos em constante tensão por supremacia sobre esse ser. Jung (2015) considera que à medida que esse indivíduo progride em direção a sua individualidade, ele se sentirá cada vez mais excluído e rejeitado pela sociedade que demanda sua participação coletiva, gerando a percepção que precisa sempre estar se redimindo perante a sua comunidade.

Para Jung (2015), considerando os valores como opostos, a autonomia exigida pela individualidade só será permitida pela coletividade se essa receber algo de valor igual ou semelhante. Para atingir um grau de conformidade e equilíbrio, é preciso a criação de equivalentes. Seguindo os caminhos pré-determinados, o indivíduo deverá produzir algo que justifique sua busca por individualidade. Incapaz de escapar das exigências, para evitar uma condição de profunda ansiedade, o indivíduo tende a tentar equilibrar suas relações.

Na busca pela individuação, é crucial ouvir nosso mundo interior e responder às demandas do Self, o centro orientador da psique presente no inconsciente, um processo muitas vezes abafado pela pressão social. No entanto, é através dessa introspecção que podemos encontrar novas formas de nos adaptarmos melhor ao nosso ambiente. Segundo Seibt (2022), a individuação não significa ignorar a influência do grupo; em vez disso, envolve equilibrar as expectativas sociais com nossas necessidades pessoais para alcançar uma adaptação mais eficaz.

Sant' Anna (2019) vê a individuação como a fusão entre o individual e o coletivo, onde entender e atender às qualidades valorizadas pela sociedade, sem esquecer nossas demandas pessoais, leva a uma melhor adaptação. Esse processo paradoxal de distinguir-se do coletivo, enquanto se percebe como parte de algo maior, abre caminho para a verdadeira individuação.

2 O CONSUMO E O DESENRAIZAMENTO

Discutir natural ou natureza é referir-se ao que antecede o nascimento, aos traços de estágios anteriores da história que são preservados na psique de forma inconsciente. Jung (2016) se refere a esse fenômeno como 'inconsciente coletivo', composto principalmente por arquétipos. Estes representam conteúdos que existem independentemente do indivíduo, fazendo parte de um acervo de informações acumuladas ao longo de todo o curso de evolução da humanidade.

É através de imagens e símbolos, como vistos nos sonhos, por exemplo, que é possível reconhecer o valor das mensagens provenientes do inconsciente. Algo que era comum entre os homens primitivos, através dos rituais e cerimônias, é perdido para o homem moderno que não reconhece a influência estruturante proveniente dos símbolos, esse processo é conhecido como desenraizamento. (Henderson, 1964)

Maffesoli (2014, p. 49) argumenta que a coletividade provém do aspecto instintivo do ser humano. Sendo a cultura proveniente do contato direto entre a humanidade, ela provém de um caráter natural, que é perdido a cada avanço em prol de uma excessiva racionalidade ou como afirma “nos períodos de esquecimento das origens, esses momentos civilizacionais um pouco decadentes, a ênfase será colocada sobre o isolamento, o individualismo.”.

Para Han (2019), o atual regime econômico fomenta e se beneficia do progressivo afastamento da sociedade com os rituais e com o simbólico, distanciando o indivíduo do seu coletivo. O autor acredita que a experiência humana precisa de atos de repetição, de rituais simbólicos que permitam a sensação de pertencimento, como reconhecer a rua onde mora, o comércio local do bairro, ou a cadeira que sempre costuma se sentar.

Todo o substrato proveniente do simbólico, do mitológico e do imaginário coletivo é marginalizado frente aos excessos do racionalismo do homem moderno, mas é através dele que é possível criar um elo de ligação que permite a vida em conjunto na sociedade. A afetividade perante ao outro e ao lugar em que se vive, são provas de que o coletivo é vivido além da racionalidade, mas em conjunto com os sentimentos de pertencimento, com as emoções e paixões daquele ser. (Maffesoli, 2014)

Krenak (2019) nos apresenta a ideia de que atualmente as pessoas são jogadas em um “liquidificador” e transformadas em uma “coisa” só, desconectadas à

força de suas origens e de seus coletivos para seguirem um ideal que exclui a diversidade, que invés de criar cidadãos, cria clientes. As pessoas são retiradas do contato com a natureza, deixam de enxergar o planeta como seu lar, mesmo que não exista outro lugar para ir.

Essa desconexão com a natureza, é o mesmo que se afastar dos instintos, aqueles que movem a vida de uma criança que ainda não conhece o mundo, dando a consciência o papel de guiar esse indivíduo desenraizado.

Um ego nascido em um mundo com um ideal de civilização que não permite a abrangência de ideias, que não valoriza a subjetividade e contato com o si mesmo, não consegue viver suas potencialidades ao abdicar de sua intuição, seu lado instintivo, por uma vida inteiramente consciente.

A tomada de controle unilateral da consciência já era vista por Jung (2016) como um risco, pois, para o autor esse caminho propicia o indivíduo ao desenraizamento. O que deveria representar uma condição para a liberdade, acaba representando a fonte para incontáveis violações da própria condição de existência.

Ao mesmo tempo que a humanidade é capaz de usar sua racionalidade para criar aviões, é capaz de esquecer de onde veio e subir aos céus para bombardear o próprio planeta e seus habitantes.

Jung (2011) refere-se ao arquétipo da criança como a representação do estado primordial, sua origem, um conceito profundamente ligado à noção de infância no inconsciente coletivo. Este arquétipo facilita o contato dos seres humanos com suas origens. Segundo o autor, a adoção forçada de uma persona, imposta pela sociedade, pode provocar uma ruptura abrupta com o caráter originário da pessoa, resultando em uma perda significativa de suas raízes.

Jung (2016) sustenta que a criança é o símbolo que representa o começo da jornada rumo a autonomia, mas que ser autônomo pode trazer conjunto a sensação de ser solitário. Se sobressair diante de um coletivo que segue as mesmas tendências, ou seja, ser diferente, é também se isolar de forma a se opor ao próprio meio.

De forma arquetípica, a criança é algo em potencial, uma promessa que se apresenta para o processo de individuação como um símbolo mediador, unificador entre consciente e inconsciente. (Jung, 2016)

O equilíbrio proveniente da união dos opostos, pode ser representado pela totalidade, o si-mesmo, etapa final do processo. Pardo (2022) considera que na

sociedade de consumo, o arquétipo da criança está associado aos desejos, pelo prazer de realizá-los.

O processo de amadurecimento frequentemente traz consigo um aumento da prudência, porém, para muitos, este estágio também pode significar a assunção de responsabilidades rotineiras, que são percebidas como tediosas e exaustivas. Isso contrasta com a liberdade e a leveza características da infância, quando as possibilidades pareciam ilimitadas. Essa visão dicotômica entre aspectos naturais da vida humana, causa o que Pardo (2022) chama de “adolescentização”, indivíduos que se recusam a crescer e recusam aspectos essenciais da passagem para vida adulta.

Barcellos (2019), aborda o consumismo como doença da modernidade e também endereça sua causa a questões arquetípicas relacionadas ao desejo, a sedução e sensualidade, tudo isso presente nos produtos que são apresentados ao indivíduo pela própria sociedade de consumo. As pessoas costumam sair e ir a shopping centers apenas para massagear sua mente com o desejo, com a possibilidade de ter um carro novo, um bolsa nova, mesmo que apenas pela vitrine.

Krenak também discute sobre desejo, o revelando como um forte agente de recrutamento utilizado pelo capitalismo:

O sistema capitalista tem um poder tão grande de cooptação que qualquer porcaria que anuncia vira imediatamente uma mania. Estamos, todos nós, viciados no novo: um carro novo, uma máquina nova, uma roupa nova, alguma coisa nova. Já disseram: “Ah, mas a gente pode fazer um automóvel elétrico, sem gasolina, não será poluente”. Mas será tão caro, tão sofisticado, que se tornará um novo objeto de desejo. (KRENAK, 2020, p. 28)

Não é atoa que é possível aqui enxergar como a sociedade de consumo se oportuniza desse pouco diálogo entre as fases da vida e procura fomentar esse processo de adúltecimento tardio.

Considerando que o caminho natural seria favorável ao processo de individuação, essa permanência em uma noção artificial do símbolo da infância, que se envolve de forma unilateral com o caminho do gozo e satisfação, é um poderoso aspecto que o consumo evoca impedindo o indivíduo de evoluir. (Pardo, 2022).

Não existem barreiras para o que pode ser ou não comercializado, seja o entretenimento, o sexo, fármacos ou mantimentos, sem contar que quando algo é oferecido de forma gratuita é porque de alguma forma você se tornou o produto. Assim dialoga Krenak (2020), quando diz que esse modo de vida “formatou” o mundo inteiro como mercadoria e já é comum que isso se reproduza na sociedade de forma naturalizada.

A qualidade presente em ser um produto é o que define o lugar de cada um como membros da sociedade de consumo. Em seu livro “sociedade do cansaço”, Han (2015) deixa evidente como as pessoas passaram a se autoexplorar como exercício de autonomia e liberdade. Enquanto desejam se livrar da submissão e tomar suas próprias decisões, decidem por se tornarem seus próprios agressores, vivendo uma paradoxal condição de liberdade acreditando que só dependem de si para alcançarem suas metas.

É essa condição paradoxal que leva o indivíduo ao cansaço, um indivíduo preocupado com desempenho e a todo tempo bombardeado por informações e estímulos em uma sociedade que não tolera o tédio, que não permite a pausa para a contemplação do eu. Uma sociedade que vive um eterno ciclo entre produzir, comprar, descartar e novamente produzir, sem que possa se avaliar a experiência individual, coletiva e simbólica presente em todos os aspectos da vida na terra, deixando de lado as possibilidades contemplativas que são ponto chave para a descoberta de si mesmo.

É o ego que ilumina o sistema inteiro, permitindo que ganhe consciência e, portanto, que se torne realizado. Se, por exemplo, possuo algum dom artístico de que meu ego não está consciente, este talento não se desenvolve e é como se fora inexistente. Só posso trazê-lo à realidade se o meu ego o notar. A totalidade inata, mas escondida, da psique, não é a mesma coisa que uma totalidade plenamente realizada e vivida. (VON FRANZ, p. 162, 1964).

É assim que notamos como a necessidade por contemplação, por sensatez, repetição e diversos outros métodos que são favoráveis a individuação são perdidos na cultura do efêmero. Mas apesar de tudo, ainda é possível não se perder totalmente para o mundo da hiperatenção e da hiper valorização do consciente, ressaltando o inconsciente simbólico e estando sempre atento as sugestões advindas de sonhos e ideias que aparecem quase de forma automática. Afinal, “O caminho individual não pode prescindir do conhecimento das leis próprias do indivíduo, senão corre o risco de perder-se nas opiniões arbitrárias do consciente e separar-se do instinto individual, da *terra mater*.”. (Jung, 2013, p. 25)

3 A UNIÃO DOS OPOSTOS

A união entre consciente e inconsciente, entre o homem moderno e o primitivo, é chamado por Jung (2014a) de “função transcendente”. Para o autor, a vida em

sociedade acaba exigindo das pessoas uma atividade focada e intencional da consciência, que ocasiona o progressivo afastamento do inconsciente.

O nome transcendente se refere a capacidade de transcender entre esses dois polos da psique sem necessidade de que um seja favorecido em detrimento do outro. Ao analisar a função do analista em um processo terapêutico, é exemplificado esse processo, quando durante a análise de sonhos, é possível resgatar o simbolismo do inconsciente e o colocar de frente para a luz da consciência. (Jung, 2014a)

Para o autor, o simbólico nada mais é que uma pura representação da natureza, essa que pode ser utilizada com um guia para reconhecimento dos símbolos. Com o afastamento entre o homem e suas origens naturais através da sociedade de consumo, o símbolo é perdido e se faz necessário o seu resgate. Assim afirma Jung,

A meu ver, a união da verdade racional com a verdade irracional deve ser encontrada não tanto na arte, mas muito mais no símbolo, pois é da essência do símbolo conter ambos os lados, o racional e o irracional. Ao expressar um, exprime também o outro, de modo a abraçar os dois ao mesmo tempo, mas não sendo nem um e nem o outro. (Jung, 2013, pg. 27)

Duarte (2017) acredita que ainda é possível um mundo em que a humanidade respeite e esteja integrada ao meio natural, e que uma amostra disso são os movimentos ecológicos que ainda se fazem presentes.

Maffesoli (2014) argumenta que já está surgindo uma nova mentalidade que exalta e valoriza a integração da natureza em aspectos culturais. Seja nas músicas, nos filmes ou em festivais, o mundo simbólico tem contaminado cada vez mais o domínio público e a oposição entre o símbolo e o homem moderno tem perdido espaço.

Krenak (2019) alerta para a necessidade se identificar com a natureza assim como ela se apresenta e não como a parte que é vendida como mercadoria. O autor faz um convite ao leitor para que ele possa admitir o sonho como uma ferramenta para uma experiência transcendental que pode fornecer as orientações necessárias pro cotidiano, o conhecimento necessário para interagir com o meio e com o outro.

O autor também descreve o que chama de “quase humanos”, que são todas as pessoas que se recusam a fazer parte desse mundo extremamente civilizado que rejeita a natureza e se opoem aos “muito-humanos”. Demonstrando que ainda é possível se deparar com pessoas na sociedade de consumo que enxergam suas

raízes, que podem contar suas histórias e transmitir seu conhecimento como forma de resistência. (Krenak, 2019)

Para Serbenas (2015), a crise ainda pode ser superada. Considerando que a modernidade anula as dimensões mitológicas e religiosas que tinham uma profunda comunhão com a natureza, para lidar com o presente desenraizamento é preciso renovar a ligação que se manifestava entre homem e natureza através da mudança social, de paradigmas e valores.

Independente da forma escolhida, é possível notar a fundamental importância da conexão entre o homem moderno e a natureza, ou como sustenta Krenak (2020, p. 45), “para além da ideia de “eu sou a natureza”, a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho na vida.”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho explorou a complexa interação entre a individuação e a cultura do consumo na sociedade contemporânea, destacando como a massificação do consumo influencia o processo de individuação à luz da psicologia analítica de Carl G. Jung. Através de uma abordagem qualitativa e descritiva, baseada em um delineamento bibliográfico, este estudo identificou uma lacuna significativa na literatura existente sobre o tema, especialmente em relação ao número de obras que cobrem de maneira integral ou parcial o impacto da cultura do consumo sobre a individuação.

Os resultados desta pesquisa corroboram a ideia de que o consumo na sociedade moderna não apenas molda, mas também pode distorcer a jornada individual em busca da totalidade. O constante apelo ao consumo e a prevalência de estilos de vida influenciados pela mídia e pela publicidade revelam uma tendência preocupante de alienação das essências individuais, o que Jung (2013) descreveria como desenraizamento, retirando o indivíduo do seu ambiente natural e arquetípico.

O estudo também reitera a importância de reconhecer e integrar os aspectos inconscientes da psique no processo de individuação, conforme sugerido por Jung. A falta de integração entre o consciente e o inconsciente, exacerbada pela cultura de consumo, pode levar a um desenvolvimento psicológico fraturado, onde o indivíduo

se torna mais suscetível a influências externas em detrimento de seu desenvolvimento autêntico e pessoal.

Em suma, é crucial que as futuras pesquisas continuem explorando como as interações entre a cultura de consumo e a individuação afetam a saúde mental e o bem-estar, buscando estratégias que possam ajudar os indivíduos a percorrer melhor este ambiente desafiador. E que assim, se possa fomentar o contato do ser humano com a natureza, evitando o desgaste com a excessiva exposição ao ambiente capitalista e artificial.

5 REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Gustavo. **A alma do consumo**. Le Monde Diplomatique, 2008. Disponível em: A alma do consumo - Le Monde Diplomatique. Acesso em: out. 2023.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução autorizada da edição inglesa publicada por Polity Press. Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Tradução autorizada da primeira edição inglesa publicada em 2007 por Polity Press. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2008.

FERRARI, Camila. **A civilização em transição no séc. XXI em uma releitura junguiana**. Off-Lattes, 2023. Disponível em: A civilização em transição no séc. XXI em uma releitura junguiana – off-lattes (offlattes.com). Acesso em: out. 2023.

HAN, B.-C. **Do desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Tradução de Alberto Ciria. 1. ed. Barcelona: Herder Editorial, 2020.

HAN, Byung Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2014a.

JUNG, C. G.; KERÉNYI, Karl. **A criança divina: uma introdução à essência da mitologia**. Tradução de Vilmar Schneider. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica: escritos diversos**. Tradução de Edgar Orth; revisão técnica de Jette Bonaventure. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **Civilização em transição**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth ; Revisão técnica Jette Bonaventure. – Petrópolis, RJ; Vozes, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. tradução de Frei Valdemar do Amaral; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. – Petrópolis. Vozes, 2014b.

JUNG, Carl Gustav; FRANZ, M.-L. von (ed.). **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus: comunhões emocionais**. Tradução de Abner Chiquieri; revisão técnica de Teresa Dias Carneiro. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

PARDO, Adriano Luiz. **O Arquétipo do Puer-et-Senex e a Sociedade de Consumo**. Blog IJEP, 2022. Disponível em: O Arquétipo do Puer-et-Senex e a Sociedade de Consumo - Blog IJEP. Acesso em: out. 2023.

PEREIRA, Mozart Silvano. **O sentido do conceito de ideologia em Marx e a questão da igualdade jurídica**. InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, Brasília, v. 2, n. 1, p. 295–321, 2017. DOI: 10.26512/insurgncia.v2i1.19064. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/19064>. Acesso em: 18 mar. 2024.

RAUTER, Raíssa Völker. **A relação do sujeito contemporâneo com o corpo**. Instituto Junguiano RJ, 2018. Disponível em: A relação do sujeito contemporâneo com o corpo – Instituto Junguiano RJ. Acesso em: out. 2023.

SANT'ANNA, Paulo Afranio. **Arquétipo, individuação e intersubjetividade: a dimensão psicossocial do sofrimento humano**. Pesqui. prá. psicossociais, São João del-Rei, v. 14, n. 4, p. 1-12, dez. 2019. Disponível em: Microsoft Word - 3353-12803-1-LE.docx (bvsalud.org). Acesso em: out. 2023.

SEIBT, C. L. **A noção de individuação em Jung e a educação**. Acta Scientiarum. Education, v. 45, n. 1, p. e55175, 6 out. 2022. Disponível em: A noção de individuação em Jung e a educação | Acta Scientiarum. Education (uem.br). Acesso em: out. 2023.

SERBENA, Carlos. **Aspectos simbólicos da natureza, ecologia e do meio ambiente: uma interpretação junguiana**. In: VII Congresso Internacional de

Investigación y Práctica Profesional en Psicología, XXII Jornadas de Investigación, XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR, 2015, Buenos Aires.

STEIN, Murray. **Jung e o caminho da individuação: uma introdução concisa.** Trad. Euclides Luiz Calloni – São Paulo: Cultrix, 2020.